



A infância nas interfaces de Dalcídio Jurandir: o jornalista e o romancista

Ivone dos Santos Veloso

Resumo:

Este artigo destaca a produção jornalística e ficcional de Dalcídio Jurandir (1909-1979), escritor brasileiro que criou o ciclo *Extremo-Norte*, um projeto literário de dez romances, ambientados na Amazônia paraense, e que se constituem, no plano geral, como um grande painel social da região, o que justifica, portanto, o epíteto de “Romancista da Amazônia”. Vale dizer que esse painel estaria incompleto sem a figuração de personagens mirins. Todavia, a categoria infância alcança um relevo ainda maior no projeto literário dalcidiano, o que nos faz pensar que Dalcídio Jurandir também pode ser entendido como um escritor da infância, uma vez que traz, em seus romances, um considerável número de referências e de personagens que se relacionam com essa etapa da vida, concebendo um panorama exemplar a respeito das crianças da Amazônia, sobretudo, no que se refere àquelas mais pobres. Nesta oportunidade, queremos demonstrar que a infância desvalida não é uma particularidade observada apenas em sua ficção, mas também está presente em outros escritos. Assim focalizamos a faceta jornalística do escritor marajoara, trazendo uma reportagem e uma crônica que apresentam e denunciam a pobreza e a desigualdade social no contexto brasileiro, numa época em que ainda pouco se discutia sobre os direitos da criança e dos adolescentes. A partir da crônica *Os Ferrinhos*, também demonstramos como Dalcídio reelabora a história dos Ferrinhos, meninos que capinavam as calçadas de Belém, em *Chão dos Lobos* (1976), oitavo romance do ciclo *Extremo-Norte*. Tal estratégia corrobora a ideia de que a infância na obra dalcidiana não se apresenta somente como matéria, mas como instrumento para a criação, atuando na constituição interna da ficção dalcidiana. Este estudo é resultado de pesquisa bibliográfica e análise interpretativa. Para tanto, revisitamos a hemeroteca digital brasileira, textos do autor e as contribuições teóricas de CANDIDO (2008), FURTADO (2011) e SOUZA (1988).

Palavras-chave:

Dalcídio Jurandir, Infância, Amazônia

Abstract:

This article highlights the journalistic and fictional production of Dalcídio Jurandir (1909-1979), a Brazilian writer who created the cycle *Extremo-Norte* (Far North), a literary project of ten novels set in the Amazon region of Pará, and constitutes, as a vast panel about the region, what justifies the writer being called Amazonian Novelist. It is worth saying that this panel would be incomplete without the figuration of child characters. However, the category of childhood is even more relevant in Dalcídio Jurandir's literary project, which makes us think that Dalcídio Jurandir can also be understood as a writer of childhood since he brings in his novels a considerable number of references and characters that relate to this stage of life, conceiving an exemplary perspective of the Amazonian children, especially regarding the poorest ones. In this opportunity, we want to demonstrate that underprivileged childhood is not a particularity observed only in his fiction, but is also present in other writings. Thus, we focus on the journalistic side of the Marajoara writer, bringing a reportage and a chronicle that present and denounce poverty and social inequality in the Brazilian context, at a time when there was little discussion about the rights of children and adolescents. Based on the chronicle *Os Ferrinhos*, we also demonstrate how Dalcídio reworks the story of the Ferrinhos, boys who used to trim the grass on the sidewalks of Belém, in *Chão dos Lobos* (1976), the eighth novel of the cycle *Extremo-Norte*. This strategy corroborates the idea that childhood in Dalcid's work is not only presented as material, but also as an instrument for creation, acting in the internal constitution of Dalcid's fiction. This study is the result of bibliographical research and interpretative analysis. For this we revisit the Brazilian digital hemeroteca, texts by the author, and the theoretical contributions of CANDIDO (2008), FURTADO (2011), and SOUZA (1988)

Keywords:

Dalcídio Jurandir, Childhood, Amazonia

1. Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia, escritor da infância

Dalcídio Jurandir, escritor brasileiro, nasceu em terras marajoaras, morou em Belém e, após ganhar notoriedade com Prêmio Vecchi- Dom Casmurro dado à *Chove nos Campos de Cachoeira*, fixou residência no Rio de Janeiro, centro de efervescência cultural do país, onde estavam as principais editoras do Brasil e se encontravam políticos, intelectuais, artistas e literatos que buscavam reconhecimento e meios para desenvolver seus projetos pessoais e coletivos.

O fato de Dalcídio Jurandir ter fixado residência no sudeste brasileiro, contudo, não modificou o espaço de representação ficcional que o paraense elegeu para o seu projeto literário, que mais tarde passaria a ser denominado de ciclo *Extremo-Norte*. Desde *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), a paisagem é amazônica, uma Amazônia interiorana apresentada através da vila de Cachoeira e que nos romances seguintes, como *Marajó* (1947) e *Três Casas e um Rio* (1958), vai se adensando até alcançar a vida urbana e suburbana na cidade de Belém, como nos romances *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1973), *Chão dos Lobos* (1976) e *Os Habitantes* (1976). Em *Ribanceira* (1978), último livro do ciclo, inclusive, a figuração espacial alcança uma cidade do Baixo Amazonas, saindo do eixo Belém – Marajó, o que pode ser entendido como mais um indicativo de que esta Amazônia paraense retratada em sua ficção pode ser lida como uma metonímia de uma Amazônia maior, projetando-se em outros espaços amazônicos.

Nesse aspecto, lembremos que a relevância do ciclo *Extremo-Norte*, em grande parte, está na sua forma de figurar a Amazônia para além de uma tradição literária que a representou apenas como paisagem física, com reiteradas imagens da região como “inferno” ou “paraíso perdido”, como espaço mítico ou exótico. A Amazônia dalcidiana cinde e dialoga com essa tradição, trazendo para a cena literária um espaço humanizado, no qual os sujeitos amazônicos, sobremaneira os mais pobres e desvalidos, têm presença, vez e voz. Seus dramas sociais e seus conflitos existenciais são a força motriz que desenvolve a ficção dalcidiana. Dalcídio, assim, cria um grande painel social da região, o que justifica, portanto, o epíteto de “Romancista da Amazônia”.

Vale dizer que esse painel estaria incompleto sem a figuração de personagens mirins. Entretanto, a infância¹ alcança um relevo ainda maior no projeto literário dalcidiano, o que faz pensar que Dalcídio Jurandir também pode ser entendido como um escritor da infância. É verdade, que o escritor paraense não publicou especificamente para público infantil, muito embora, em 06 de março de 1960, a coluna “Literatura em dia”, do jornal curitibano *O Dia*, informe que o Serviço de Documentação do Ministério da Viação intencionava lançar uma série de livros infantis, entre os quais *Um Navio carregado de meninos*, de autoria de Dalcídio Jurandir. Todavia, até o presente momento, não há maiores informações a respeito de tal livro.

De qualquer modo, ainda que Dalcídio Jurandir não intencionasse escrever uma história da infância, ou mesmo publicações direcionadas ao leitor mirim, sua obra ficci-

1) Em *A Infância desvalida em Dalcídio Jurandir: um bulício de crianças picado de risos e gritos* (2019) buscamos demonstrar como a categoria infância é uma chave de leitura possível para uma análise interpretativa do projeto literário dalcidiano.

onal traz um considerável número de referências e de personagens que se relacionam com essa etapa da vida, trazendo à baila diversas figurações da infância desvalida. Dalcídio Jurandir, assim concebe um panorama exemplar a respeito das crianças da Amazônia, sobretudo, no que se refere àquelas mais pobres. Em seu ciclo *Extremo-Norte*, especialmente, nos primeiros cinco romances, o ficcionista brasileiro apresenta uma espécie de memorial da infância, ilustrando suas vivências culturais, seu imaginário, suas narrativas, jogos e brincadeiras, ao passo que denuncia a condição social na qual se encontram: a pobreza, a fome, a exploração do trabalho infantil, o não acesso à educação pública e à saúde.

Tais estratégias, por sua vez, se alinham ao compromisso ético-social do autor marajoara que não oblitera o cuidado estético com suas narrativas literárias. Em seus romances o universo infantil não se restringe apenas à presença de personagens infantis, ou de personagens que rememoram essa etapa da vida, mas também vem à tona por meio da representação do imaginário da criança, o que, em alguns episódios, se insere na própria estrutura narrativa através da incorporação e reelaboração de contos de fada, de mitos, de lendas, de histórias de vida que, de algum modo, se relacionam com o mundo infantil.

Nesse sentido, a lição de Antonio Candido (2008), é extremamente válida para a compreensão que temos sobre a dimensão social no texto literário. Nas palavras do crítico:

[...] podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma dada época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo

historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO, 2008, p. 16-17).

Nesse contexto, a infância desvalida como fato social no ciclo *Extremo-Norte* se apresenta não somente como matéria, mas como instrumento para a criação, atuando na constituição interna da ficção dalcidiana. Mas, a infância desvalida e o olhar de Dalcídio Jurandir sobre a criança são uma peculiaridade de sua ficção ou também está presente em outros escritos? E ainda: de que modo a infância e as figurações da criança colaboram na construção do projeto literário dalcidiano?

Na tentativa de responder a tais questões e fazer uma demonstração de como comprometimento social e estético estão entrelaçados na obra dalcidiana, nesta oportunidade, focalizamos a faceta jornalística do escritor marajoara, trazendo uma reportagem e uma crônica que apresentam e denunciam a pobreza e a desigualdade social no contexto brasileiro e como isto afeta as crianças, numa época em que ainda pouco se discutia sobre os direitos da criança e dos adolescentes. A partir da crônica, também demonstraremos como Dalcídio Jurandir reelabora a história dos Ferrinhos, meninos que capinavam as calçadas de Belém, em *Chão dos Lobos* (1976), oitavo romance do ciclo *Extremo-Norte*.

2. A infância na escrita jornalística de Dalcídio Jurandir

Para além do romancista, Dalcídio Jurandir também transitou por outros gêneros textuais e literários. Foi poeta, contista, tradutor, roteirista e, como jornalista, atuou como repórter, articulista, ensaísta, cronista, crítico literário, crítico de arte, e, até, como ilustrador.

A trajetória como jornalista inicia precocemente e tem vínculos familiares. Alfredo Nascimento Pereira, pai de Dalcídio Jurandir, mantinha o jornal *A Gazetinha*, em Cachoeira do Arari, e, foi ao lado do irmão, Flaviano Ramos Pereira, que Jurandir tornou-se, aos 16 anos, diretor da revista mensal *Nova Aurora*. Como se depreende, o fato de ter atuado ao lado do pai e do irmão em Cachoeira, conferiu a Dalcídio Jurandir alguma experiência e base para a intensa carreira jornalística que desenvolveria posteriormente.

Em 1928, quando já residia na capital paraense, Dalcídio Jurandir abandonou os estudos em Belém e viajou para o Rio de Janeiro. Sobre essa época, é sabido que trabalhou como lavador de pratos e foi revisor da revista feminina *Fon Fon*, sem receber remuneração. Esse fato nos faz pensar que o jornalismo era para Jurandir uma paixão e uma oportunidade de relações e de aprendizagem, uma vez que, além de ganhar experiência, ali poderia conviver com grandes escritores e intelectuais, que também exerciam o jornalismo. Em 1931, ao retornar à Belém, deu continuidade à atividade jornalística, passando a contribuir com a imprensa paraense, por meio do periódico *O Estado do Pará*, e das revistas: *Escola*, *Novidade*, *Terra Imatura* e a *Semana*.

Em 1941, após ganhar o concurso Vecchi-Dom Casmurro, que promoveu a publicação de seu primeiro romance, *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), Dalcídio Jurandir mudou-se para o Rio de Janeiro e o jornalismo, mais uma vez, abriu-se com uma porta de oportunidades para aproximá-lo de grupos de escritores, editores e intelectuais, ao passo, que era uma forma de sobrevivência, como foi para muitos escritores brasileiros. A partir desse momento, suas perspectivas políticas vão se tornando mais explícitas, e o que antes era apenas uma simpatia por ideais esquerdistas, torna-se militância. De acordo com Marli

Furtado (2011), este é um aspecto relevante na sua trajetória jornalística, de maneira que a estudiosa divide a escrita jornalística dalcidiana em dois momentos:

A princípio, parece prático dividir a vida jornalística de Dalcídio Jurandir em dois momentos, ligados as duas grandes cidades em que residiu: Belém, entre 1930 e 1941, e Rio de Janeiro, de 1942 até 1964, ano do golpe militar, quando os poucos periódicos esquerdistas ainda “vivos”, caso de *Novos Rumos*, extinguíram-se. A divisão deve levar em conta em conta os fatos que a Belém corresponde sua iniciação nos campos em que atuou: a escrita literária e jornalística e a militância política. Nesta, foi preso nos anos de 1936 e 1937 por atuar contra o fascismo junto a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Por outro lado, os periódicos com os quais contribuiu não traziam como marca de fundação nenhuma ligação ideológico-partidária, ao contrário daqueles em que colaborou no Rio, a partir de 1941, muitos timbrados pela marca de “imprensa comunista” (FURTADO, 2011, p.83)

Observa-se, conforme o comentário de Furtado, que a escrita jornalística de Dalcídio Jurandir se distingue, a depender da cidade na qual atuou como jornalista. Nesse sentido, ainda que Belém tenha sido o local no qual Dalcídio Jurandir se filiou a Aliança Nacional Libertadora (ANL), na luta contra o fascismo, sendo preso por duas vezes, foi no Rio de Janeiro que sua escrita político-ideológica ganhou espaço. Isso, talvez, aconteça devido ao fato de que nos jornais cariocas o engajamento político era mais evidente. Dentre os jornais cariocas com os quais Dalcídio Jurandir colaborou, destaca-se o jornal *Diretrizes*, o maior jornal de oposição fascista no Brasil.

Quanto ao tema da infância, essa distinção não se aplica. Seja em textos

publicados em periódicos de Belém ou do Rio de Janeiro, o tom de denúncia e crítica às condições sociais em que se encontravam as crianças são permanentes na escrita do jornalista. Para o periódico *Escola: revista do professorado do Pará*, por exemplo, Dalcídio Jurandir assina vários artigos que dissertam sobre o modelo educativo vigente nas escolas, criticando o currículo, os métodos de ensino, a imposição do conhecimento e de disciplina severa. Em um dos textos, a preocupação do autor, como se observa, está em pensar uma educação que considere a natureza da criança, sua alegria e vigor, e ainda, que a criança não seja somente um mero receptor de informações, mas que se possa aprender com ela: “A criança é uma fonte de novos valores morais, resta-nos saber aproveitá-los para a vida. Não oprimi-los [sic] como se faz, aniquilando os impulsos vitais da consciência infantil” (JURANDIR, 1935, p. 30).



Figura 1: Fotografia de Henriques de Mello, que ilustra a reportagem “O presente de natal do pobre é mais carestia”.
Fonte: Acervo da Hemeroteca digital Brasileira (2021).

Em páginas cariocas, a reportagem para o periódico *Imprensa Popular*, em dezembro de 1955, é bastante ilustrativa. Intitulada “O presente de Natal do pobre é mais carestia”, a reportagem que trata da pobreza em uma favela no Rio de Janeiro é focalizada, em grande parte, a partir da situação vivenciada por quatro crianças: Claudenor, Marli, Getúlio e Marilene. Esse foco, inclusive, é reiterado pela fotografia de Henriques de Mello que acompanha a reportagem.

Na fotografia, pouco nítida, dois meninos descalços ganham destaque, enquanto ao fundo, uma mulher grávida e uma menina também estão na escada do barraco. Na legenda, se lê a questão que atravessa a reportagem de Dalcídio Jurandir: Por que não vem o Papai Noel? Tal questão pontuava como a carestia do país não afetava apenas as famílias de trabalhadores e favelados, no que se referia a falta de mantimentos básicos, mas trazia uma outra camada significativa: como a pobreza e a desigualdade social podia afetar o imaginário infantil. Vejamos um trecho:

Getúlio, Claudionor, Marli e Marilene, na escadinha do barraco, olhavam tristes, a mãe que enchia a lata na bica. Elas haviam perguntado de novo e quantas vezes já! Como se fosse um estribilho:
— Mamãe, mamãe quando o papai Noel vem?

A mãe já não respondia mais, a sua desculpa era: - Esperem, filhinhos, o velhinho não demora.

E agora falando ao repórter, a mãe daqueles quatro meninos, confessa:

— Eu fico enganando, enganando, porque nenhum brinquedinho mesmo, posso comprar. Nem um quilo de castanha. (JURANDIR, 1955)

Como é possível observar, a reportagem dá visibilidade às crianças, nomeando-as, trazendo para o centro da

narrativa jornalística a condição social, a voz e a demanda dos filhos daqueles trabalhadores que, às vésperas do natal, preocupam-se com a imaginária visita de papai Noel, que traria os presentes sonhados por eles. Em contraponto, a resposta da mãe reitera a pobreza material em que se encontram, restando-lhe apenas ilúdiolos.

Um aspecto interessante é o fato de como a reportagem se assemelha a um enredo ficcional. E antes que pensemos que isto se deve ao estilo do autor, na realidade, deve-se à linguagem jornalística da época. Até a segunda metade do século XX, escrever uma reportagem ou publicar uma notícia não era simplesmente expor um fato. De acordo com Pompeu de Souza:

Ninguém publicava em jornal nenhuma notícia de como o garoto foi atropelado aqui em frente sem antes fazer considerações filosóficas e especulações metafísicas sobre o automóvel, as autoridades do trânsito, a fragilidade humana, os erros da humanidade, o urbanismo do Rio. Fazia-se primeiro um artigo para depois, no fim, noticiar que o garoto tinha sido atropelado de frente a um hotel. (SOUZA, 1988, p 24)

Tais peculiaridades do jornalismo das primeiras décadas do século XX são importantes para compreendermos como literatura e jornalismo estão imbricados, e se distanciam do jornalismo atual, que, teoricamente, preza pela objetividade e imparcialidade. No caso dalcidiano, a infância na escrita jornalística e ficcional também mantém uma interrelação, sendo mais do que facetas de um escritor, são interfaces de um posicionamento ético e estético que se apresenta por toda a sua produção literária.

3. *Os Ferrinhos em Chão dos Lobos (1976): a infância nas interfaces de Dalcídio Jurandir*

Em outra publicação, datada de 1938, Dalcídio Jurandir dá vez à faceta de cronista, na qual também aparece atento à condição infantil e apresentando um pouco do que será sua escrita literária em favor da infância desvalida. Em *Os ferrinhos*, o ético e o estético se deixam entrever na denúncia que o autor faz do trabalho infantil visto nas ruas de Belém:

O Prefeito Abelardo Conduru fez um bem aos “ferrinhos”. Toda a cidade conhece esses pobres meninos que limpam o capim das ruas calçadas. São os reco-recos que raspam os paralelepípedos, curvados e sujos. Alegres dessa trágica alegria de criança que a miséria obriga a trabalhar.

[...] Muito bem prefeito Abelardo. O senhor não perde com o bem que fez aos ferrinhos.[...] (JURANDIR, 2006, p. 36)

A ironia, como se vê, atravessa o texto e dá o tom da reflexão a respeito das benfeitorias que o poder público concede aos meninos pobres: o trabalho braçal e precoce, quando outras oportunidades lhes poderiam ser dadas para retirá-los da vida miserável que os leva a trabalhar e que levam no trabalho. O epíteto “ferrinhos”, pelo qual são denominados, dimensiona o lugar que aqueles meninos ocupam na sociedade, são apenas peças da engrenagem social de um sistema capitalista que explora a sua miséria. Em outro trecho a crítica é ainda mais contundente e desvela as diferenças sociais:

Para eles não houve infância, não houve jardim onde pudessem brincar. Não possuem livros bonitos para ler histórias, nunca ouviram falar de Papai Noel, nem se deitaram em boas redes onde possam sonhar com as histórias da Ve-

Iha Totonia e um Ali-Babá e seus 40 ladrões.

A vida para eles é estupidamente, monotonicamente real a que se habituaram como pequeninos seres condenados. Pouca gente quer saber se eles têm rins, se ainda brilham uns restos de infância entre eles e se o trabalho lhes veio cedo demais. (JURANDIR, 2006, p. 36)

Dessa maneira, ficam aludidas às desigualdades sociais a partir da possibilidade ou não de vivenciar a infância, esta compreendida, no discurso do cronista, como um período de sonho e de fantasia, marcado por brincadeiras e pelo imaginário popular e literário, mas do qual, entretanto, aqueles meninos-trabalhadores não puderam experimentar. O desnível social, nesse caso, também é demarcado pela própria linguagem que faz distinção entre meninos e moleques: “Não chamo vocês de moleques, como meu coração me pede, não que seja desdouro. O moleque é o coração e o espírito das ruas”, entretanto, é pela mesma linguagem que Dalcídio resgata a igualdade entre os meninos pobres e aqueles “que não necessitam de trabalhar”:

Quero chamar vocês de meninos para que os outros meninos, os que não necessitam de trabalhar na rua como vocês, fiquem lisonjeados, felizes com isso. Sim, porque vocês valem por uma pequena humanidade sacrificada num drama de abandono e de dor que pouca gente sabe... (JURANDIR, 2006, p.36)

Sua escrita, dessa forma, dignifica essas crianças, uma vez que as coloca no centro da narrativa, dando visibilidade aos seus dramas e à condição de abandono social. Seu posicionamento é de solidariedade: “Se eu fosse sentimental, eu diria que tenho pena desses meninos. Não quero ter pena, quero me solidarizar com eles [...] eu escreveria um poema para vocês”. Esse altruísmo do narrador se confunde com o do próprio

autor que desenvolve esteticamente o compromisso ético em denunciar o trabalho infantil. Dalcídio Jurandir imprime um matiz poético à resistência desses meninos e dá um colorido à descrição da ternura e do acolhimento dado às crianças que, ironicamente, é oferecido pela natureza e não pelos passantes.

E quando vocês cantam, na hora do reco-reco, no verão ou no inverno, a cantiga de vocês é uma rapsódia quase em surdina que conta todas as cenas e derrama todas as vozes da pequenina e grande miséria que vocês sabem sofrer com tão dolorosa inocência e tão anônimo heroísmo!

E essa leve cantiga, esse coro de meninos que não são de Viena, mas dos ferrinhos de Belém, humaniza as ruas e faz parar os outros meninos surpreendidos. Cai das árvores uma espécie de ternura que os homens não compreendem. E essa ternura de selva e filha, de sombra de árvore vai envolvendo vocês como um agasalho, vocês curvados e rotos que trabalham cantando... (JURANDIR, 2006, p. 36)

Esse tratamento poético dispensado ao fenômeno social amplia a valorização da infância e das crianças pobres, estratégia que se estenderá aos seus romances. Nesse caso específico, o trabalho precoce dos “ferrinhos” torna-se tão significativo que décadas depois, em *Chão dos Lobos* (1976), o leitor encontrará a reelaboração e o desenvolvimento desta crônica:

[...] Atravessava o Bulevar onde, dobradinhos sobre os paralelepípedos do meio da rua, os ferrinhos de 10 anos catavam capim, reco-reco-reco. Um senhor baixo, corado, paletó e guarda-chuvas tomava conta deles, como um velho guardador de carneirinhos sujos que pastavam aquele capim por entre os paralelepípedos. [...]

Alfredo olhando. [...]

Até a porta do Liceu chegava o raspar dos ferrinhos na pedra do Largo, rins dobrados ali o dia inteiro, tão bichinhos do chão. [...]

Lá fora o reco-reco-reco dos ferrinhos catando o capim entre os paralelepípedos. [...] Mas, espere, os meninos cantavam? Estão cantando? Cantando, sim, tão desentoadado ali vergados, ou de joelhos, tirando capim, cantavam? Roucos, fanhosos, apelo surdo, gemer dos rins, ou súplica, coro abafado, os carneirinhos cantavam? Ali debaixo do guarda-chuva o velho guardador parecia reger. Com o reco-reco-reco entre os paralelepípedos o cantar feria, doía. (JURANDIR, 1976, p. 24-29)

Nesse trecho, no processo de transfiguração para a ficção o narrador divide com o jovem Alfredo o olhar solidário sobre aqueles garotos, e vai acrescentando elementos que vão intensificando a situação de penúria e desumanização daqueles meninos. A idade deles é declarada, ressaltando a precocidade do trabalho infantil, e o drama é individualizado na história de Candoca, um dos “ferrinhos”, que era vizinho de Alfredo no subúrbio de Belém:

Um dos limpadores morava no Não-Se-Assuste. Mal acabava, ia catar pelo cais um servicinho, ajudar a varrer navios, passar um bom pedaço da noite, escolhendo e separando os bagos do feijão do milho, o arroz do café e com isso trazia um sofrido mantimento para casa nem toda semana. Chegava tarde e aqui, no lamaceiro, à noite devolvia-se ao menino, entretido a soprar a velha flauta rachada, encontrada no aterro do lixo (JURANDIR, 1976, p. 24)

Com a mãe cega e paralítica, Candoca é o responsável por trazer os mantimentos para casa. Um adulto em miniatura que so-

mente recupera sua meninice através de uma flauta rachada. A flauta é índice de encantamento, mas quebrada aponta para a vida desencantada que o garoto leva. É interessante que o sintagma flauta rachada se alia a outras expressões encontradas na crônica e no romance que remetem a metáforas sonoras (rapsódia quase em surdina, apelo surdo, coro abafado, gemer dos rins) que indicam a ideia de ruído quase indistinto e apontam para a tensão da narrativa: dar visibilidade aos invisibilizados, dar voz àqueles que não são ouvidos.

Inclusive, em *Chão dos Lobos* (1976), o “ferrinho” não é apenas observado por Alfredo. A figura daquele menino se torna tão expressiva para o protagonista que este chega a escrever ao pé de uma mangueira, entre os desejos que gostaria de realizar, “1 flauta para o ferrinho” e, na impossibilidade de conseguir um instrumento novo, pensa em consertar-lhe a flauta, chegando a conversar com ele:

— Me dá a flauta por um dia para ver onde se conserta ela, sim? Rachada?

— Esta? Concerto? Rachou, adeus. Vou assim mesmo fazendo que sopro. Já vou, mamãe. Tem uma chave inglesa?

— Pra quê?

— Desatarraxar a flauta.

— Que que vocês cantam quando trabalham?

— Nós? Cantamos. (JURANDIR, 1976, p. 43)

No diálogo, a construção textual é articulada para que o menino tenha voz e seja ouvido, embora sua fala manifeste, ao que parece, apenas aceitação. A flauta, por sua vez, mesmo rachada, é muito simbólica: parece significar que a arte, a música, o canto é uma forma de resistência, de reexistir através da arte, retirando-os, ainda que momentaneamente, da realidade dura do trabalho infantil.

4. Considerações finais

Dalcídio Jurandir, indubitavelmente, merece o epíteto de “Romancista da Amazônia”, uma vez que, no ciclo *Extremo-Norte*, o marajoara concebeu um projeto literário comprometido em denunciar a situação de pobreza da Amazônia paraense, interpretando os dramas sociais e pessoais dos sujeitos menos abastados da região. Entretanto, cremos que o escritor paraense também pode ser entendido como um escritor da infância, visto que a infância e o imaginário infantil são aspectos de relevo na obra de Dalcídio Jurandir, tal qual observamos na sua produção ficcional e jornalística.

Em ambas as facetas do escritor marajoara, a denúncia da condição social em que se encontram as crianças é uma constante. Histórias de vida, exploração do trabalho infantil, imaginário, questões educativas e ensino escolar, são alguns dos temas presentes em algumas de suas colaborações jornalísticas. Esses elementos do mundo externo, por sua vez, também entram na ficção literária dalcidiana, tornando-se elementos estéticos muito significativos, como demonstramos a partir de trechos do romance *Chão dos Lobos* (1976), no qual Dalcídio Jurandir reelabora a crônica “Os ferrinhos”, que, por si mesma, já apresentava o tratamento estético que o autor paraense dava ao fato social que envolve a figura da criança.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*.

10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

FURTADO, Marli. *Dalcídio Jurandir e a Crítica literária para O Estado do Pará*. In: FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de; HOLANDA Sílvia Augusto de Oliveira;

AUGUSTI, Valéria (org.). *Crítica e Literatura*. Rio de Janeiro: De Letras, 2011. p. 81-98.

JURANDIR, Dalcídio. *Todos nós sabemos que os modernos processos...* Escola Revista do Professorado do Pará, v. 1, n. 5, p. 30-31, set. 1935.

_____, Dalcídio. *O presente de Natal do pobre é mais carestia*. Imprensa Popular, p. 06, dez.1955

_____, Dalcídio. *Chão dos Lobos*. Rio de Janeiro: Record, 1976.

_____, Dalcídio. Os “ferrinhos”. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (org.). *Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia*. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.

SOUZA, Pompeu de. *A chegada do lead no Brasil*. Revista da Comunicação, ano 4, n. 7, 1988

VELOSO, Ivone dos Santos. *A infância desvalida em Dalcídio Jurandir: um bulício de crianças, picado de risos e gritos*. 2019. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.